



Empreendedorismo e Redes de Cooperação

Professora: Ma. Juliana Berg

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto a barra inferior pode lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

Olá, alun@s.

Iniciamos nossa disciplina de Empreendedorismo e Redes de Cooperação. O objetivo deste e-book é complementar o conteúdo disponibilizado no livro da disciplina.

Aqui trago sugestões de leituras, exemplos em vídeo e alguns comentários que auxiliarão a melhor compreensão dos conceitos, ampliando seu conhecimento. Espero que ao aprender as Redes de Cooperação, vocês possam empreender e inovar, como também promover o empreendedorismo em sua escola, comunidade ou cidade, agregando valor e qualidade de vida às pessoas e instituições envolvidas.

Neste material, pretendo aproximar as redes de cooperação do ambiente cotidiano com práticas vivenciadas em diversos setores que poderão contribuir com ideias e esclarecer dúvidas.

Bom estudo e estejam bem.



FRASE PRA REFLETIR

[...] o empreendedor coletivo tenta provocar mudanças que conduzam à sustentabilidade, à autossuficiência, ou seja, seu trabalho busca tornar dinâmicas as potencialidades da comunidade, criando condições para que seus membros sejam protagonistas, através de redes de cooperação internas e externas, na construção do seu próprio desenvolvimento. Torna-se claro, portanto, que a construção do sonho coletivo pressupõe um ambiente adequado, em que estejam presentes, por exemplo, a cooperação, a capacidade de construir relações em rede, a aceitação do outro como legítimo pela sua condição de humano – e não por qualquer outra, como renda, raça, classe, conhecimento etc. -, assim como a regulação democrática de conflitos. (DOLABELA, 2003, p.48)

COMENTÁRIO DO PROFESSOR SOBRE A CITAÇÃO

Aqui, Dolabela (2003) nos fala sobre a necessidade de entendimento relativo à autonomia da pessoa e de grupos envolvidos em rede, respeitada principalmente sua diversidade, seja ela cultural, de crença, classe, raça, gênero etc. Segundo ele, isso acontece por meio da gestão democrática dos conflitos cotidianos, naturais num contexto múltiplo como é o de rede.

Dolabela (2003) também coloca intrinsecamente a questão da legitimidade de todos os membros em torno do objetivo comum, mudando as relações de poder que possam existir e que normalmente se fazem presentes quando da existência de grupos dominantes. Para Dolabela o “sonho coletivo” é o objetivo do empreendedor que pensa além de si, e acontece por meio do “capital social” dos grupos ou comunidade num processo de construção.

REDES

O conceito de rede pode partir de compreensão particular simplista até uma análise científica: rede enquanto conexão de elementos, rede de segurança, rede social e, até mesmo, o produto rede.

Para nós, as redes são mais que isso. Elas são estruturas organizadas capazes de mobilidade ilimitada – expansão e contração –, atuam de forma continuada integrando novos membros, grupos, instituições que se tornam elos, **nós** que consigam compartilhar objetivos e “sonhos”.

Para atuar em **rede**, necessitamos da compreensão inicial de que nenhum ser humano é uma **ilha**, apesar de termos sonhos individuais. Para Dolabela (2003) a concepção do sonho é coletiva, uma vez que pode ou não entregar valor para a sociedade.

Segundo Maturana (1998),

[...] o ser humano é constitutivamente social. Não existe o humano fora do social. O genético não determina o humano, somente funda o humanizável. Para ser humano é preciso crescer humano entre os humanos. Ainda que pareça óbvio, esquece-se disso ao se esquecer que se é humano somente da maneira de ser humano nas sociedades a que se pertence. Se pertencemos a sociedades que validam, com a conduta cotidiana de seus membros, o respeito aos mais velhos, a honestidade consigo mesmo, a

seriedade na ação e a veracidade no falar, esse será nosso modo de ser humanos e de nossos filhos. Pelo contrário, se pertencemos a uma sociedade cujos membros validam, com sua conduta cotidiana, a hipocrisia, o abuso, a mentira e o autoengano, esse será nosso modo de ser humanos e de nossos filhos.

Para Dolabela (2003), a concretização dos sonhos, no empreender pedagógico, começa com a noção no indivíduo numa “rede de relações”, quando iniciamos nosso “círculo de relações primárias” que, com o tempo, serão percebidas como “produtos sociais”, resultado das ligações que fazemos e que são construídas por interesse.

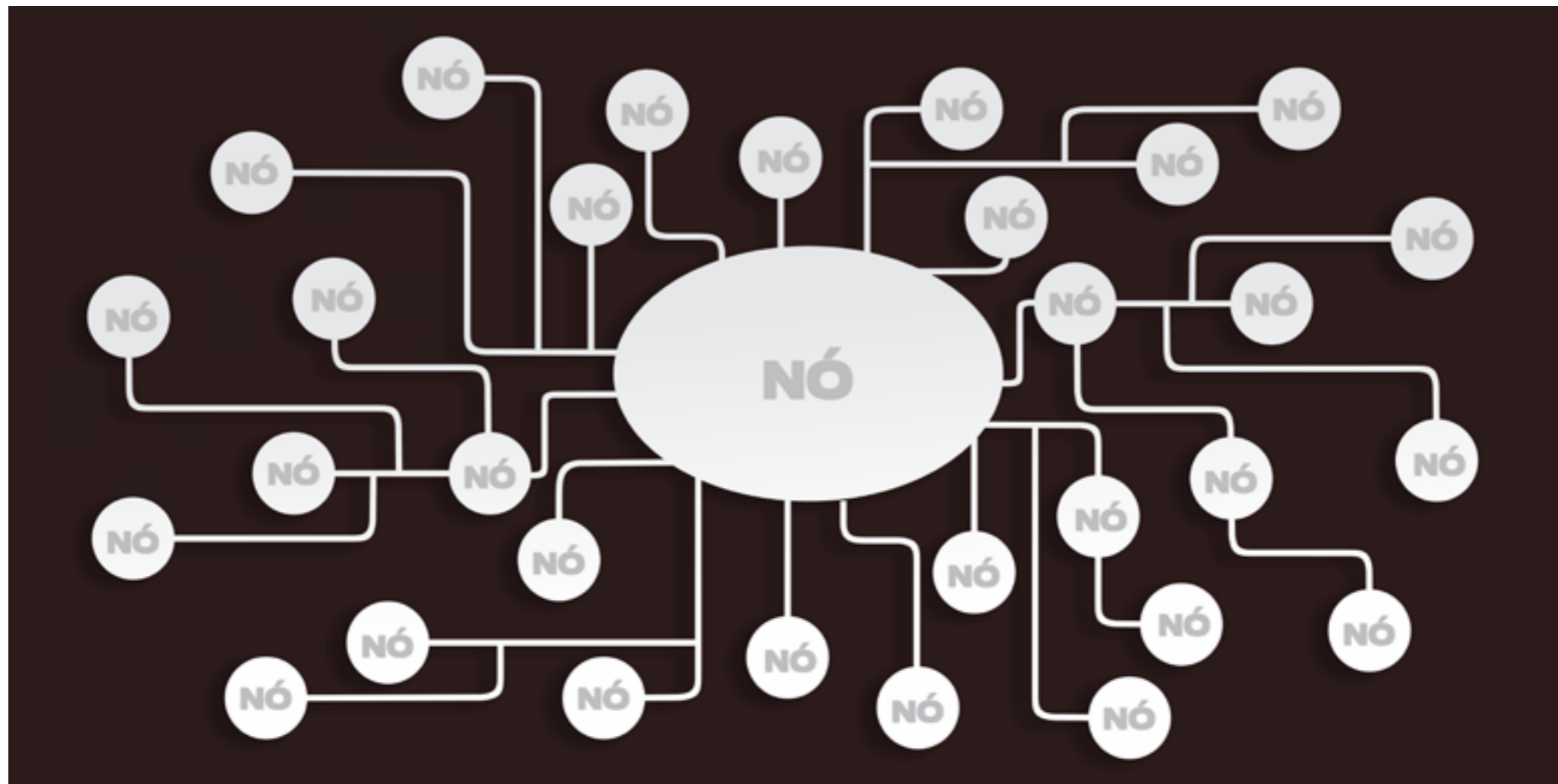
Segundo Enne (2004), o conceito de rede de Barnes (1964) pode ser pensado como “sistemas de interação social” por sua capacidade de articulação e rearticulação permanente. Barnes (1964) apud Enne (2004) diz que a ideia de rede, antes de tudo, é pensada como socialmente composta por indivíduos que irão se articular a partir de interações, e não por composições egocêntricas.

Para Barnes (1964, p.180), “[...] se examinarmos uma rede qualquer, que seja limitada ou ilimitada, finita ou infinita, total ou parcial, e concentrarmos nossa atenção numa pessoa particular como ponto de referência, descobriremos as várias propriedades egocêntricas da rede. Isto é bastante diferente do que simplesmente dizer que a rede em si mesma é egocêntrica: ela não o é”.

Já para Mitchell (1969), as **redes** são como fluxos de mercadoria e informação que envolvem uma troca. Para Sacomano Neto (2004), o conceito de rede se expandiu por vários campos do conhecimento, sendo um meio de compreender as relações entre organizações e empresas. Ou seja, o conceito de rede vem sendo utilizado há tempos e os estudos surgiram como forma

de compreender essas relações estabelecidas.

Para o empreendedorismo, as redes são uma ferramenta de empoderamento, onde os nós assumem posições que definem suas tarefas. Dentre os nós existem **atores** que assumem funções determinadas, trocam informações, bens e ideias por meio das **ligações**, além de criarem capacidade de realização dos sonhos.



COOPERAÇÃO NA ESCOLA E O SONHO COLETIVO


Competimos e cooperamos, será? Sim, são comportamentos que adotamos em nosso dia a dia, sendo ambos necessários face às ocasiões cotidianas.

Segundo Soler (2008, p. 29), a competição é um processo de interação social, egocêntrico, no qual os objetivos são divergentes e as ações em prol destes são isoladas ou em oposição às de outras pessoas, assim os benefícios são concentrados somente para os vencedores. É uma relação ganha-perde.

Já a cooperação é igualmente um processo de interação social, porém, os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são distribuídos entre as partes.

E é preciso cooperar para competir! Sim, isso mesmo. A princípio parece um contrassenso, mas não é. A cooperação organizada em rede pode gerar atributos competitivos, principalmente para setores fragilizados, ou sem força no mercado em que atuam. Por exemplo, quando microempresas de um mesmo segmento se unem em rede, elas se fortalecem, uma vez que minimizam custos e aumentam sua capacidade competitiva. Ou seja, trabalhar junto tornou-se estratégico.

Portanto, promover a cooperação na escola é fundamental para as crianças. Aprender a cooperar e a competir gera motivação e insere a criança no mundo contemporâneo. Para Piaget (1932), que estudou o julgamento moral das crianças e a noção de respeito mútuo, tanto a competição quanto a cooperação estão presentes nos aspectos sociais que constroem a autonomia infantil, superando a postura egocêntrica pela qual tenham passado.

Sendo assim, como afirma **Camargo e Becker**..... (2012, p.531),

O método da cooperação é caracterizado da seguinte forma: dar conta de duas tendências, a de aceitar o real como lhe parece e a de corrigir o entendimento sobre o real, coordenando-o com diferentes perspectivas; entender que o ponto de vista próprio é apenas mais um entre os demais e que não pode ser compreendido como absoluto nem renunciado por completo, mas, sim, relacionado aos demais na busca da manutenção da lógica (uma proposição não pode ser ignorada, deve ser levada em consideração cada vez que precisa fundamentar uma nova proposição). É a lógica da reciprocidade que, posteriormente, Piaget (1933/1998) tratará como lógica das relações. Tal lógica consiste em “[...] corrigir e superar o ponto de vista imediato, para situá-lo num sistema de conjunto capaz de coordenar essa perspectiva particular com um número crescente de visões diferentes” (Piaget, 1931b/1998, p. 80-81).

Para o professor, o sentido de cooperação é fundamental, pois, como afirma Piaget, ela aparece como meio de contrapor a coerção que segundo autor “[...] é o pior dos métodos pedagógicos” (Piaget, 1949d, p.28 apud MUNARI, 2010, p. 17).

A escola também pode ser um instrumento de construção da cooperação como forma de concretizar o sonho coletivo, proposto por Dolabela. Isso porque a educação não é neutra, mas sim política e sendo o sonho coletivo intrínseco à comunidade, este pode, segundo o autor “[...] ser inspirado, espelhado, copiado de outros sonhos, desde que a comunidade emocionalmente transformada mude de domínio de ação” (2003, p.53).

A escola, como espaço de aprendizado e sociocultural acaba por estar comprometida com a visão de mundo coletivo sendo um dos elementos mais importantes e decisivos. Segundo Dolabela (2003, p.54) isso acontece porque “[...] educar significa construir valores éticos, políticos, estéticos.”

Nesse contexto, promover a prática da cooperação é viabilizar o desenvolvimento da autonomia, como também do respeito mútuo, elementos importantes nas relações humanas sociais e no relacionamento em rede.

PARA REFLETIR

A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Sei que o que digo pode chocar, mas insisto, é o amor. Não estou falando com base no cristianismo. Se vocês me perdoam direi que, infelizmente, a palavra amor foi desvirtuada, e que a emoção que ela conota perdeu sua vitalidade, de tanto se dizer que o amor é algo especial e difícil. O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada especial. O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social.

Em outras palavras, digo que só são sociais as relações que se fundam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e que tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito. Sem uma história de interações suficientemente recorrentes, envolventes e amplas, em que haja aceitação mútua num espaço aberto às coordenações de ações, não podemos esperar que surja a linguagem. Se não há interações na aceitação mútua, produz-se a separação ou a destruição. (MATURANA, 1998, p. 23-24)

EXEMPLOS PRÁTICOS DE REDES DE COOPERAÇÃO EMPREENDEDORAS

As redes de cooperação são dinâmicas e estão sempre em ação, elas mudam ao longo do tempo, incorporam novos segmentos e evoluem. Dessa forma sempre aparecem novos exemplos e práticas que transformam comunidades. Isso acontece porque a estrutura da rede não é determinada ou determinante, mas essencialmente se altera no espaço e no tempo, podendo assumir novas configurações e utilidades. Conheçamos algumas práticas:

1. Educação (clique para acessar):

2. Artigos:

4. Saúde Pública:

5. Tecnologia e Meio Ambiente:

6. Site recomendado:

REFERÊNCIAS

BARNES, J.A. Class and Committees in a Norwegian Island Parish. *Human Relations*, n° 7, 1964. Disponível em <http://sts.ucdavis.edu/summer-workshop/Workshop%202009%20Readings/Barnes%201954%20Class%20-%20committees.pdf> Acesso em 18/10/2015.

CAMARGO, L. S.; BECKER, M. L. R. O Percurso do Conceito de Cooperação na Epistemologia Genética. *Revista Eletrônica Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 527-549, maio/ago. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade Acesso em 18/10/2015.

DOLABELA, Fernando. *Pedagogia Empreendedora*. São Paulo: Editora Cultura, 2003.

ENNE, A. L. Conceito de Rede e as Sociedades Contemporâneas. *Revista Eletrônica Comunicação e Informação*, V 7, n° 2: pág 264 - 273. - jul./dez. 2004. Disponível em <file:///D:/UAB/ARTIGOS/redes%20na%20sociedade%20contemporanea.pdf> Acesso em 18/10/2015.

GALVÃO, F. F. *Empreendedorismo e redes de Cooperação*. Sistema Universidade Aberta do Brasil, UNICENTRO. Irati: Editora Unicentro, 2015.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MITCHELL, J.C. (org.). *Social Networks in Urban Situations*. Manchester, Manchester University Press, 1969.

MUNARI, Alberto. *Jean Piaget, Coleção Os Pensadores*. Tradução e organização: Daniele Saheb. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

PIAGET, Jean. *O julgamento moral da criança*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1932.

RIBAS, M; MACIEL, E. R.; AMARAL, M. E. H.; KUHN, I. N. *Universidade e Sociedade: o Programa Redes de Cooperação Integrando Competências e Atitudes*. V Colóquio Internacional sobre Gestión Universitaria em América del Sur. Mar del Plata, Chile. Dezembro de 2005. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/97131/Marines%20Ribas%20e%20Ivo%20Kuhn.pdf?sequence=3> Acesso em 18/10/2015.

SACOMANO NETO, S. *Morfologia, propriedades e posicionamentos das redes: contribuições às análises interfirmas*. XI SIMPEP - Bauru, SP, Brasil, 08 a 10 de novembro de 2004. Disponível em [file:///C:/Users/Juliana/Downloads/210-Morfologia%20e%20propriedade%20das%20redes%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Juliana/Downloads/210-Morfologia%20e%20propriedade%20das%20redes%20(2).pdf) Acesso em 18/10/2015.

SOLER, R. *Alfabetização cooperativa*. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

WITTMANN, M.L.; DOTTO, D. R.; WEGNER, D. *Redes de empresas: um estudo de redes de cooperação do Vale do Rio Pardo e Taquari no estado do Rio Grande do Sul*. *Revista Eletrônica REDES*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 160 – 180. jan./abr. 2008. <http://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/645/1484>. Acesso em 18/10/2015.